

# Redação criativa: a arte de conscientizar jovens por meio da escrita



*Monica Martinez*

*Doutora em Ciências da Comunicação (ECA-USP)  
Titular da disciplina de Jornalismo Literário  
(UniFIAMFAAM) e professora de Pós-graduação  
E-mail: martinez.monica@uol.com.br*

*Alex Criado*

*Doutor em Ciências da Comunicação (ECA-USP)  
Professor de Pós-graduação  
E-mail: alcriado@uol.com.br*

**Resumo:** O texto registra a experiência dos autores na aplicação de técnicas de escrita criativa como responsáveis pela Oficina de Comunicação e Expressão do Projeto História Ambiental das Bacias do Aricanduva e do Itaquera (outubro-dezembro de 2004). O objetivo foi resgatar a história da região por meio da participação de educadores e 120 jovens de 9 a 21 anos, provenientes de escolas públicas, centros comunitários e organizações não-governamentais presentes na área.

**Palavras-chave:** educomunicação, escrita criativa, histórias de vida, jornada do herói.

*Redacción creativa: el arte de desarrollo de la conciencia de los jóvenes por intermedio de la escrita*

**Resumen:** El texto registra la experiencia de los autores en la aplicación de técnicas de escrita creativa como responsables por la Oficina de Comunicación y Expresión del Proyecto Historia Ambiental de las Bacias del Aricanduva y del Itaquera (octubre-diciembre de 2004). El objetivo fue rescatar la historia de la región por intermedio de la participación de profesores y 120 jóvenes entre 9 y 21 años provenientes de escuelas públicas, centros comunitarios e organizaciones no gubernamentales del área.

**Palabras claves:** educomunicación, escrita creativa, historia de vida, jornada del héroe.

*Creative writing: the art of developing awareness in youth through writing*

**Abstract:** This paper reports the experience of two authors, both leaders responsible for implementing creative writing techniques at a Communication Workshop. This was held in the Aricanduva and Itaquera Hydrographical Basins Environmental History Project (october-december, 2004). The main aim of the project was to recount the history of the region through the perception of teachers and 120 people between 9 and 21 years of age. They came from a range of places including governmental schools, community centers and NGOs located in the area.

**Keywords:** educommunication, creative writing, life stories, hero journey.

A convergência entre Comunicação, Educação e História e o desenvolvimento pessoal por meio de técnicas da escrita criativa constituíram um dos focos experimentais da Oficina de Comunicação e Expressão do Projeto História Ambiental das Bacias do Aricanduva e do Itaquera, em São Paulo, realizado de outubro a dezembro de 2004.

Idealizado pela Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, órgão da Prefeitura paulistana, em parceria com o Sesc Itaquera, o projeto teve como objetivo resgatar a história dessa região da zona leste por meio da participação de educadores e 120 jovens de escolas públicas, particulares, centros comunitários e ONGs da área.

A iniciativa envolveu equipe multidisciplinar, contando com comunicólogos, historiadores, cineasta, fotógrafo e especialista em multimídia, entre outros profissionais, envolvendo uma equipe de mais de vinte pessoas. Os produtos gerados foram uma exposição fotográfica, um documentário em vídeo, um CD-Rom e um livro, de nome homônimo ao projeto, que aguarda impressão.

*O levantamento da história pessoal, familiar e comunitária enfatiza o sentido de pertencimento, os vínculos com escolas, bairro e comunidade*

A ação educacional partiu da análise da ocupação a partir das Bacias Hidrográficas dos Rios Aricanduva e Itaquera para compreender a região leste da cidade, uma das mais populosas de São Paulo – concentra hoje 1/3 da população – devido aos movimentos migratórios maciços a partir da década de 70 do século passado.

Ao se resgatar essa trajetória, buscou-se valorizar as histórias dos moradores e instituições da região. O ponto de vista foi o dos participantes do projeto com idade de 9 a 21 anos, nascidos entre os anos de 1983 e 1995. Por meio da Oficina de Comunicação e Expressão, os jovens foram estimulados a empregar técnicas criativas, como a construção de autobiografias e perfis, com o objetivo de despertar a consciência de si próprios enquanto criadores de vínculos com seu espaço social e comunitário.

O despertar para a própria realidade, por meio do levantamento da história pessoal, familiar e comunitária, enfatiza o sentido de pertencimento, levando os alunos a lançar um novo olhar sobre os vínculos estabelecidos com escolas, bairro e comunidade.

No caso da região, contudo, essa transformação de percepção projeta-se também sobre a noção de vínculo ambiental, uma vez que se trata de área urbana marcada por fortes contrastes. Afinal, a zona leste paulistana engloba áreas verdes, como o Parque do Carmo e o Morro do Cruzeiro, bem como a Cidade Tiradentes, que ostenta a mais baixa taxa de arborização urbana por habitante da cidade.

A ativação da memória pessoal, familiar e comunitária, associada aos estudos sobre

os processos de ocupação da região, resalta também os valores da formação para cidadania e, em um mundo em franca fase de globalização, de consciência planetária.

### ● **Questão de vínculo**

O que um jovem na faixa etária de 9 a 21 anos pensa e sente sobre si próprio? Como se insere em sua comunidade? Como expressa essa noção de si mesmo e de sua realidade? E, a partir dessas bases, como se vincula com o espaço onde habita?

Ao iniciarmos a oficina, o objetivo era lançar luzes sobre o indivíduo e os laços que o mesmo estabelece com a coletividade, facilitando-lhe a consciência sobre os vínculos construídos no tempo e no espaço.

Nas manhãs de quarta-feira, os encontros eram realizados com a professora Monica Martinez. Nas de sexta, com o professor Alex Criado. Moradores da zona oeste da capital, a saga iniciava-se para atingir o local. O trajeto envolvia ônibus até a estação Barra Funda, metrô até a estação Corinthians-Itaquera, lotação até o Sesc-Itaquera e, daí adiante, uma longa caminhada até o espaço, encravado em majestoso parque.

A dificuldade de acesso era esquecida na chegada à pequena sala de encontros, mobiliada com cadeiras de plástico, quadro branco, pincel atômico, papéis e lápis, mas repleta da curiosidade dos participantes e professores que os acompanhavam. Tinham sido escolhidos pelas próprias instituições pela dedicação ao aprendizado.<sup>1</sup>

Ao todo foram dez encontros semanais, durante os quais foram aplicadas seis técnicas de escrita criativa, que fazem parte do arcabouço conceitual do Jornalismo Literário Avançado

<sup>1</sup> Foram 14 instituições da região envolvidas: Centro Social Marista Irmão Lourenço, E. E. Profa. Aparecida Rahal, Obra Social da Paróquia São Mateus Apóstolo, EMEF Prof. Benedito Montenegro, EMEF Benedito de Jesus Batista Laurindo – Padre Batista, Associação Cultural e Educativa Ética e Arte, Associação Maria de Nazaré/Jardim Grimaldi, Associação Grupo de Mães Novo Amanhecer, EMEF Clotilde Rosa Henrique Elias, EMEF CEU Aricanduva, EMEF Carlos Chagas, Comunidade Kolping, EMEF CEU São Rafael e E. E. Profa. Cleise Marisa Siqueira.

(Lima:1998): escrita rápida, visualização criativa, trampolim para a vida real, exercício de interação bipolar, jornada do herói e exercício de produção textual a partir de imagem. Neste trabalho, discutimos a aplicação e alguns resultados de três dessas técnicas de forma mais aprofundada: escrita rápida, exercício de interação bipolar e jornada do herói.

## ● Técnicas empregadas

### 1. Escrita rápida

Nas aulas iniciais, nos dias 15 e 17 de setembro, foi feita a tradicional apresentação de curso, dos alunos e dos docentes. A primeira medida foi a de estreitar os vínculos com os jovens e educadores, que viam nos professores mestres e doutores seres talvez muito distantes de sua realidade de ensino. Para vencer o distanciamento inicial, na primeira aula os alunos experimentaram a técnica da escrita rápida (Lima,1998), que visa estimular o potencial criativo e minimizar bloqueios da escrita.

Seguem quatro auto-apresentações de alunos e uma de educador, todas escritas em terceira pessoa, a pedido dos ministrantes do curso<sup>2</sup>:

O meu colega Francisco é um menino muito legal e também muito simpático. Ele gosta bastante de jogar bola com nossos colegas, eu, Fernando, Felipe e o Ivan. Ele não é um menino muito comportado, mas, quando o caso é sério, ele faz o máximo para se comportar direito. Ele é um menino animado e gosta muito de *rap*, *black* e *rock*, mas o que ele mais gosta é de *rap*. Ele escuta som todos os dias e, os dias que ele vem para o curso, ele se levanta mais cedo só para escutar o som. Eu acho ele muito legal e inteligente, e é só isso que eu sei do Francisco. – *Francisco J. Gomes Alves, EMEF Prof. Benedito Montenegro.*

<sup>2</sup> A auto-apresentação foi originariamente manuscrita, tendo sido posteriormente digitalizada pela jornalista Amanda de Paula, na época aluna do quarto ano da habilitação em Jornalismo do Curso de Comunicação Social do UniFIAMFAAM Centro Universitário, que participou do projeto como estagiária de Comunicação. A grafia original, mesmo que com incorreções, foi mantida

O Gillis é um cara que eu conheço há muito tempo. Ele tenta ser legal na medida do possível, não é tão orgulhoso de si mesmo, queria ser diferente, um humanista, aquela pessoa que ajuda o mundo e as pessoas ao seu redor! Ser alguém que as pessoas gostassem, mas nem tanto para que ele não ficasse tão convencido, aliás ele odeia gente convencida, pessoas falsas que não ajudam os outros. Ele acredita ainda num mundo melhor e que todas pessoas possam ser felizes. Basta apenas que acreditem em si mesmas e no que elas têm de melhor. A pressa é inimiga da perfeição, o texto não está bom e não estaria mesmo que tivesse tempo. O Gillis acredita que as pessoas que aqui estão no Sesc possam aprender muito. – *Gillis F. de Araújo, Instituto Maria de Nazaré.*

Anderson tem 17 anos, mora no bairro Jardim Santa Terezinha, Zona Leste. Estuda no EMEF CEU, gosta de música, toca um instrumento muito bonito chamado flauta. Anderson é um garoto esperto, inteligente, ativo, um pouco tímido, às vezes. Anderson mora com seus pais, tem um cachorro, gosta muito de ler também. Ele participa de vários projetos da Prefeitura como Orçamento Participativo da Criança, Grêmio Estudantil e outros mais. Anderson está participando do Projeto no Sesc Itaquera, onde ele está aprendendo Comunicação, História, Geografia e outros mais. Ele está hoje no Sesc participando deste projeto. O Anderson gosta muito de participar de eventos, um dos seus objetivos no futuro é ser um educador historiador. – *Anderson Barbosa da Silva, EMEF CEU Aricanduva.*

Sandokam mora no Aricanduva, tem 14 anos, é estudante, gosta de assistir TV, dormir e odeia Matemática e o professor de Matemática. Sandokam é um menino muito feio, mas simpático. Já repetiu de ano, é muito burro, um perfeito idiota, tão imbecil que estaria ofendendo uma anta se chamassem ele assim. Ele nasceu em 1º/11/89, é escorpião. Tenta planejar o futuro, quer ser empresário. – *Sandokam Pereira Bússola, EMEF CEU Aricanduva.*

Ele fez Ciências Biológicas, curso de Licenciatura, o que era um trunfo caso quisesse lecionar mais tarde. Nunca, po-

rém, utilizou de maneira profissional o curso que concluiu. Em 2000, no meio do ano, se inscreveu na Faculdade de Belas Artes pra fazer Artes Plásticas. O curso era Licenciatura, parece que a educação perseguia ele. Na verdade nunca passou pela cabeça dele ser professor, e o mais irônico é que todos os eventos em que participa o canal como mediador é sempre presente. Mário trabalhou, na época da faculdade de Artes, com alunos deficientes, na estação especial da Lapa, como voluntário. Hoje trabalha em uma ONG, agora remunerado, com turma que possui algumas deficiências nas mais variadas limitações. Ele também nunca pensou em lidar com essas situações, mas parece que a vida tem direcionado ele por caminhos que não estavam em seus planos. Ele parece que tem abraçado bem a causa, pelo menos se esforça. A vida tem traçado rumos pra ele pouco convencionais e parece, diz ele, algo surreal. – *Prof. Gilvan Queiroz Viana, Centro Social Marista.*

O resultado observado foi o de que o exercício de escrita rápida facilitou a produção, uma vez que tira partido da velocidade para estimular o hemisfério cerebral direito, mais ligado às funções textuais criativas, como síntese, simbolismo e visão do todo (Lima, 1998). Contudo, um diferencial foi a prática da leitura em voz alta. Após a produção, os participantes que desejassem eram convidados a ler o texto para a turma. Na prática, a auto-revelação tem poderoso efeito de união grupal (Amelio e Martinez, 2005).

No conjunto, a identificação dos laços grupais facilitou a iniciação da identificação dessa rede de relações que une passado, presente e futuro. A forma como determinam a realidade vivida facilita a tomada de decisões voltadas para a constante melhoria de qualidade de vida comunitária.

## 2. Interação bipolar

Nos encontros de 6 e 8 de outubro, aplicou-se o exercício de interação bipolar, uma técnica de entrevista em dupla. Segundo

Lima, trata-se de um exercício simples e eficaz, que prevê que um interlocutor fale por cerca de cinco minutos, sendo escutado. Em seguida, alterna-se: o ouvinte passa a falante pela mesma medida de tempo.

Este exercício serve para dois objetivos básicos: estimular as pessoas a ouvir mais e melhor, de um lado, e dinamizar a integração do grupo, de outro. Normalmente ouvimos muito mal, porque, quando estamos captando o que o interlocutor nos diz, na nossa cabeça já estamos racionalizando e preparando uma resposta, antes mesmo de o outro terminar a fala (Lima, 1998:64).

Na aplicação desse exercício, os alunos foram convidados a entrevistar um colega de turma sobre a oficina que estava fazendo. Nos quatro depoimentos abaixo, nota-se que os alunos têm a oportunidade de colocar em prática o conceito de entrevista dialógica (Medina, 1990). Já ao redigir pede-se que assumam o ponto de vista do colega e escrevam em primeira pessoa – o que não foi feito por todos.

### Oficina de cinema<sup>3</sup>:

Relatório do Marcos. No primeiro dia foi estranho porque não estava acostumado a dialogar com as outras pessoas que nunca vi, mas aqui no Sesc eu aprendi que conversar com as pessoas estranhas não é um bicho de sete cabeças. Não escolhi a oficina pois já fui encaminhado para a de cinema, e gostei porque lá aprendi a trabalhar um pouco mais com a mente, gravando as falas dos personagens que irei representar. Características da pessoa: o Marcos é um pouco nervoso, mais é estudioso. Hoje ele veio com um boné preto com desenhos prateados, uma jaqueta branca com detalhes azuis e

<sup>3</sup> O projeto contemplou quadro oficinas culturais: Fotografia (Iolanda Husak Furini), Cinema (Joana Mariz), Multimídia (Adriana Siqueira Netto) e Comunicação e Expressão (Monica Martinez e Alex Criado). Já o Núcleo de História foi coordenado por Marco Antônio Cabral e Walter Swesson. As Oficinas de Comunicação e Expressão e História eram obrigatórias. Já as demais (Cinema, Multimídia e Fotografia) eram optativas.

um causa jins clara. – *Bruno S. Profeta, EMEF Prof. Benedito Montenegro.*

A Valéria (da S. Góes) falou de maneira calma que dava para entender o que ela dizia. Ela falou que não veio no primeiro dia porque estava vindo outra menina Thuanny. Porém a menina desistiu porque não podia vir de manhã, então ela aceitou vir no lugar dela. O seu primeiro dia, foi no passeio que fizemos para as Pedreiras, a capela e o parque do carmo. Ela disse que não gostou muito deste dia porque não conhecia todo mundo só o pessoal da escola dela. A oficina de cinema, que é a que ela faz, segundo sua opinião é muito legal, a Joana sua professora na oficina é muito querida, e ensina muitas coisas interessantes como ensinar, decorar os textos, filmar e mexer com os refletores. Falando sobre os monitores ela disse que eles são legais. A Valéria falou com a mão no rosto, ela mexia a mão no rosto todo o momento e não fala olhando para a pessoa ela fala olhando para o lado. – *Aline da Silva Santos, EMEF Prof. Benedito Montenegro.*

#### Oficina de Multimídia:

A Rúbia Aparecida (M. D.) me relatou que esta participando das oficinas de multimídia, não tinha tido oportunidade de trabalhar com microcomputador, já que não possui um, gosta muito de acessar sites da barbie e da Mônica, alias mostrou ser fissurada por estas duas personagens, tendo inclusive, mentido, dizendo que iria ao banheiro para poder ir a internet livre. Atualmente só consegue pensar nisso, nem consegue desenvolver as atividades propostas pela professora, parece ser uma menina muito esperta e decidida. Estuda perto de casa, gosta de encontrar os amigos na escola, e de vez em quando, prestar atenção nas aulas dos professores, as vezes eles reclamam que ela conversa muito, porém acho que ela conversa muito para isso. – *Prof. Luiz Dias Fernandes, EMEF Carlos Chagas.*

O professor Jovenil de Souza foi chamado pela diretora da Escola para saber se ele estava interessado a participar de um projeto, ele falou que sim, mas não sabia o que era. Quando ele ficou sabendo que era fotografia, multimídia e cinema, quíz escolher multimídia por que ele é professor de

fotografia e acha que ia ficar muito chato fazer fotografia. Ele falou então multimídia por que os alunos dele a maioria faz multimídia. Então ele quíz ficar lá, mais ele está gostando muito quando chegar um “certo ponto” ele vai visitar cinema e fotografia para conhecer melhor. Os alunos dele de fotografia falaram que estão gostando muito, tem coisas que o professor fala que já ensinou para os alunos dele. Está gostando de multimídia porque também faz parte um pouco de fotografia e cinema. – *Ailma Alves da Silva, EMEF Carlos Chagas.*

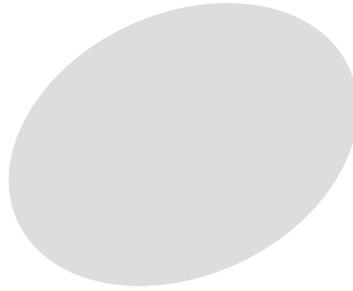
#### Oficina de Comunicação:

Eu faço oficina de comunicação. Acho muito legal, gosto de conversar e conhecer pessoas diferentes. Saber se comunicar é sempre importante. Eu aprendi a conversar e perder a timidez, entrevistar e ser entrevistado exige muita ousadia e foi o que aprendi. A primeira coisa que eu mais gostei, foi saber os temas das pessoas coisas que eu não imaginava que existia. Saber de histórias diferentes em relação as outras pessoas fora da área do Sesc, é que com as outras pessoas que eu perdi a timidez, eu era tão tímida pra falar, mais isso me ajudou bastante a falar e se expressar mais, sem medo e sem vergonha. – *Jussara Ribeiro de Souza, EMEF Benedito de Jesus Batista Laurindo-Padre Batista.*

Eu gosto da oficina de comunicação. Eu aprendo muitas coisas com o professor Alex, ele nos ensinou que o cerebro tem dois lados: o direito e o esquerdo. O direito é o lado emocional, ele é todo certinho e muito critico. Ele nos ensinou como fazer uma boa entrevista: tem que prestar atenção no que o entrevistado esta falando. Bom, é isso que eu tenho a dizer sobre a oficina de comunicação. – *Luiz Guilherme, EMEF Prof. Benedito Montenegro.*

Nos textos selecionados sobre a prática da entrevista, os alunos relatam a experiência com a técnica. “No primeiro dia foi estranho porque não estava acostumado a dialogar com as outras pessoas que eu nunca vi, mas aqui no Sesc eu aprendi que conversar com as pessoas estranhas não é um bicho de sete cabeças”, escreve Bruno Profeta, relatando a vivência do colega de classe Marcos.

*Ao enxergar o outro,  
num exercício  
de busca compreensiva,  
o participante  
reconstrói a própria  
identidade de forma  
ampliada*



Já Aline da Silva Santos, ao entrevistar Valéria da S. Góes, relata a visão da colega sobre as visitas programadas (“O seu primeiro dia, foi no passeio que fizemos para as Pedreiras, a capela e o parque do carmo”), bem como o aprendizado (“A oficina de cinema, que é a que ela faz, segundo sua opinião é muito legal, a Joana sua professora na oficina é muito querida, e ensina muitas coisas interessantes como ensinar, decorar os textos, filmar e mexer com os refletores”. Registra também a percepção corporal da entrevistada: “A Valéria falou com a mão no rosto, ela mexia a mão no rosto todo o momento e não fala olhando para a pessoa ela fala olhando para o lado”).

O comentário do educador Luiz Dias Fernandez revela a fascinação da aluna pelo universo da informática (“... aliás mostrou ser fissurada por estas duas personagens, tendo inclusive mentido, dizendo que iria ao banheiro para poder ir a internet livre”).

Por meio do diálogo, Ailma Alves da Silva fica sabendo o modo de envolvimento do Prof. Jovenil de Souza no projeto (“O professor foi chamado pela diretora da Escola para saber se ele estava interessado a participar de um projeto, ele falou que sim, mas não sabia o que era. Quando ele ficou sabendo que era fotografia, multimídia e cinema, quíz escolher multimídia por que ele é professor de fotografia e acha que ia ficar muito chato fazer fotografia”).

Na prática, ao se avaliar os comentários sobre a Oficina de Comunicação, nota-se a efetividade da técnica em estimular a alteridade, isto é, o deslocamento do olhar de si mesmo para o outro. Ao enxergar o outro, num exercício de busca compreensiva,

além de estabelecer laços afetivos, o participante reconstrói a própria identidade de forma ampliada.

### 3. Jornada do herói

Nas oficinas realizadas na semana de 20 de outubro, foi aplicado o método da jornada do herói (Luduvig, 2002). Segundo o *site* Textovivo, trata-se de uma estrutura narrativa organizada numa combinação de estudos mitológicos de Joseph Campbell e da psicologia de Carl Gustav Jung, por Christopher Vogler, consultor de roteiros de cinema nos Estados Unidos. Utilizada por Spielberg e George Lucas e adaptada para narrativas do real por Edvaldo Pereira Lima. Testada no ensino de jornalismo por Monica Martinez Luduvig em tese de doutorado na ECA-USP.

Para experimentar o método, os grupos estabelecidos tiveram como missão desenvolver o perfil de um entrevistado que apresentasse relevância junto à rede comunitária da zona leste. Seguem seis resultados selecionados:

Gorete Souza Novais, auxiliar de enfermagem do posto de saúde:

A Gorete veio da Bahia porque a mãe e o pai vieram procurar melhores condições. Ela trabalha de auxiliar de enfermagem e educadora. Ela escolheu a profissão por que gosta de lidar com as pessoas, está na área há 12 anos. É casada com o seu Alcides que trabalha nos correios, de segurança. Tem 3 filhos: o Emerson que trabalha de auxiliar de enfermagem, o Ricardo eletrotécnico e o Rodrigo que está estudando. O filho Emerson escolheu enfermagem por causa da mãe e os outros por conta própria.

Ela participou do movimento na década de 86 a 92, participou para melhorar as condições de saúde do bairro. Ela falou que sua maior aventura foi quando eles fizeram o multirão para fazer as casas para as pessoas que foram despejadas pelo Maluf. Fizeram sopão e roupa para os desabrigados. E quem foi os aliados

deles no movimento foi o PT, e o que não apoiava de jeito nenhum foi o seu Alcides, seu marido que não gostava.

O posto que tem lá foi construído graças ao movimento. O movimento ajudou na manutenção do posto e a comunidade. O movimento ajudou também porque as pessoas tem medo de receber os outros e até de falar, eles não sabiam ouvir. Hoje, com a realização do movimento eles se conscientizaram, até falam pra não jogar lixo nos bueros. Ela falou que, se não fosse o movimento, a comunidade seria muito pior, não teria conseguido muita coisa. Ela também tem várias fotos do movimento.

Não falei antes, mas ela veio com 7 anos para São Paulo e mora no bairro há 22 anos e em São Paulo há 35 anos. Ela faz parte do movimento até hoje e faz parte da gestão do posto. Ainda tem bastante gente no bairro que participou do movimento. Os conselhos de saúde mudaram muito e perderam as forças, porque o Maluf não dava oportunidades para as reuniões e as pessoas foram desistindo e achando que não ia dar certo. Se não fosse o movimento os conselhos de escola não existiriam. – *Arlene da Silva Vieira, EMEF CEU São Rafael.*

**Severino José do Nascimento Filho, morador do conjunto habitacional:**

Nasceu em Pernambuco e veio pra São Paulo em busca de oportunidades. Mora na cohab Tiradentes há 20 anos. Hoje ele está desempregado, mas trabalha num bar (o bar do Bio). Quando chegou na cohab já havia pessoas morando. Ela sofreu várias transformações até os dias de hoje, os comércios eram longe, quem construiu a maioria dos comércios nela foram os próprios moradores. Ele adora morar na Cohab, ela significa tudo pra ele, foi aonde criou sua família, é onde mora e trabalha e o que podemos perceber é que ele não gosta que falem mau dela.

Diz Severino:

– Problemas, problemas todos os bairros pobres tem, não tem pontos de lazer para

dar mais recursos para os moradores, são muito esquecidos, as pessoas que vem para cá tiram um barato, acham que a Cohab é uma ilha desabitada.

Quem mora na Cohab é discriminado e os moradores perdem muitas oportunidades por morar nela. É igual as pessoas que moram em favela, os outros de fora acham que ali só tem ladrão, traficante.

A violência está no mundo todo está em São Paulo e no Brasil, a violência é para aqueles que procuram ser violentos. Hoje em dia a Cohab está maravilhosa. – *Kátia, Jeane, Joel e Mara Alice, Comunidade Kolping.*

**Francisca Fernandes de S. Almeida, viúva nordestina:**

Descrição: Francisca Fernandes veio aos 15 anos para São Paulo, da cidade de Juazeiro do Norte, Ceará. Ela chegou no ano de 75. Como veio dessa cidade pequena, não entendia dessas coisas como metrô.

Quando veio para São Paulo, morou no Bairro de São Mateus. “As ruas eram cheias de buraco era cruel”, diz ela.

Francisca veio para São Paulo para trabalhar, pois lá não havia opção, ou a pessoa trabalhava na roça ou de empregada doméstica. Ela ganhava muito pouco e não tinha condições de ajudar a família. Por trabalhar demais, também não tinha condições de estudar. Ela veio para São Paulo em busca de dinheiro e um futuro melhor. Quando chegou em São Paulo foi morar com os tios, e seu primeiro emprego foi de empregada doméstica. Depois conseguiu os seguintes empregos: em uma fábrica de brinquedo e numa metalúrgica.

Conhece Domingos Fernandes de Almeida em São Mateus. Namoraram 3 anos e depois casaram. Francisca saiu do seu emprego, pois ficou grávida. Decidiram morar no parque São Lucas. Moravam apenas em um cômodo. Sua vida era difícil, pois os dois estavam desempregados, passaram muitas dificuldades.

Resolveram mudar. Conseguiram dinheiro e a ajuda da dona da casa para comprar um terreno no Jardim Iguatemi, pois

seu marido havia arrumado um emprego. Sentia muitas dificuldades com seu filho, pois estavam construindo a casa e havia dias que não tinha nada para comer. Francisca diz que a maior dificuldade era quando levava seu filho Fabio ao hospital. Além de pegar ônibus para chegar ao centro e sair de casa às 4 horas da manhã sem comer, chegava só às 12:00h p.m. sem comer nada.

Domingos perde o emprego e Francisca é obrigada a trabalhar de costureira para sustentar a casa durante 3 anos. Domingos arruma um emprego e pede a Francisca que saia do emprego. Sua vida melhorou e Francisca teve uma menina chamada Adla, desde então sua vida ficou melhor. Mas, aos 42 anos, Domingos faleceu com a doença do barbeiro. Francisca, com 37 anos, dá força para seus filhos para superar a dor, principalmente a mais nova, com 9 anos.

Francisca diz que não se arrepende de ter vindo para São Paulo, diz que aprendeu muito. “São Paulo foi uma escola para mim.” E que aqui pode ter um futuro para ela e seus filhos.

Ela diz “passei muitos tipos de preconceito, principalmente por causa dos estudos”. Diz que depende de seus filhos para voltar, pois sua filha quer fazer faculdade de Veterinária. Bom, Francisca agora tem 44 anos e com seus dois filhos, continua a morar no Iguatemi. Ela é um exemplo de mulher para todos nós. – *Adla Daiane Fernandes de Almeida, Aline da Silva Santos, Enoque Almeida de Souza, Bruno da Silva Profeta, Marcos Eduardo Magalhães, Ana Cláudia Serafim, Bruno Cesar Martins de Oliveira, Wando da Silva Araújo, EMEF Prof. Benedito Montenegro.*

Edna Aurora de Souza, ex-professora infantil e atual técnica de educação:

Edna, 42 anos, formada em Pedagogia, trabalhou durante 18 anos como professora de educação infantil, e, após ter assumido por 1 ano o cargo de coordenadora pedagógica, atendeu a um chamado de um jornal para trabalhar no Centro de Educação Ambiental (CEA) da Secretaria do Verde e Meio Ambiente para o cargo de técnica em educação, onde já trabalhava 2 anos. Edna nos contou que, apesar de ter sido professora, ela não tinha conhecimentos

específicos sobre o meio ambiente e suas conseqüências na sociedade, mas superou esta dificuldade graças a sua dedicação ao trabalho e aos estudos.

Ela nos contou também que teve muito apoio e incentivo de seus pais que sempre lhe deram muita liberdade de escolha, e que seu sonho é propiciar aos seus 2 filhos o ensino superior e fazer com que eles contribuam para uma sociedade melhor. Ela sonha também trabalhar com expressão artística após se aposentar.

Hoje Edna trabalha criando trilhas de educação infantil no Parque do Carmo. “Este trabalho é recompensável, porque eu estou em contato com a natureza e isso me. – *Adriana Emiko Koakutsu, Eline Fernandes de Souza, Márcia Sete Lino, Gillis Ferreira de Araujo, Associação Maria de Nazaré/Jardim Grimaldi.*

José Cecílio Irmão, aposentado da Nitroquímica:

Em algum lugar de Pernambuco, vivia um nordestino chamado José Cecílio Irmão, trabalhador do campo desde pequenino. O trabalho era braçal, em baixo de forte sol que muitas vezes trazia a seca e acabava com a colheita. Muito sofrimento...

Eis que uma carta relata a vida em São Paulo, mais precisamente em Vila São Miguel, o que trazia a esperança. Primeiro a recusa, pelo amor familiar e pelo apego à sua terra, mas depois a decisão: partir em busca do melhor.

Aqui, foi logo acolhido pela Grande Mãe Nitro-química. Muitas máquinas se agitavam, diferente trabalho, porém, também braçal. Companheiros que entravam bons na indústria e saiam não falando coisa com coisa, com a mente perturbada, tudo isso devido ao forte cheiro do produto chamado raiom.

Crises de desespero, vontade de parar, desistir, mas a promoção no trabalho, assim como a vontade em melhorar aquela situação o fez ficar e enfrentar esse medo de ficar louco.

A recompensa vinda por Deus poderia ser dividida com todos os amigos que ficaram na Nitro: uma aposentadoria com muita

lucidez para pensar nas diversas possibilidades de melhorar as condições de lazer daquelas pessoas que tanto mereciam.  
– *Centro Social Marista Irmão Lourenço.*

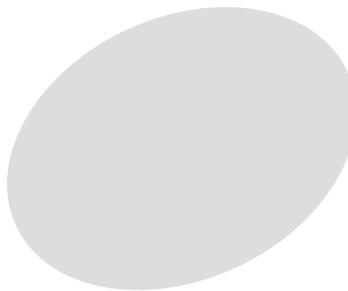
Eliana, educadora da rede municipal de ensino:

Nasceu em Santo André/SP. Ela veio para o Jardim Sinhá há 21 anos com seu que estabeleceu um pequeno comércio no bairro. É casada, tem 3 filhos e trabalha como inspetora de alunos numa escola da Prefeitura. Ocupou a área onde mora depois de enfrentar barreiras e proteger seu lar, pois era um lugar muito perigoso. Para proteger sua moradia, tinha quer ficar um dos seus familiares cuidando de seu terreno enquanto os outros trabalhavam, isso para que ninguém ocupasse seu espaço. O avô dela veio na frente, mas por falta de coragem de invadir, comprou uma pequena casa em um terreno no bairro de Jd. Dona Sinhá.

Foi mãe pela primeira vez aos 16 anos e não podendo contar com a ajuda do pai nem mesmo para o sustento da criança, teve de começar a trabalhar e abandonar os estudos quando estava no 1º ano do Ensino Médio. Enquanto trabalhava, seus pais cuidavam de seu filho.

Aos 20 anos, casou e foi morar em um cômodo no quintal do avô, pagando aluguel para o mesmo. Nesta casa teve seu segundo filho e com a chegada do bebê, passou a alugar mais um cômodo. Morou em mais três endereços diferentes, sempre no mesmo bairro, até que em junho de 2002, numa troca feita com seu irmão, passou a cuidar de uma pequena casa de dois cômodos, na qual passou grandes dificuldades para conseguir melhorar a moradia. Pouco depois da chegada nesta casa, foi surpreendida com a notícia de mais uma gravidez que trouxe grandes preocupações devido as suas condições financeiras precárias. Estava desempregada, seu marido trabalhando a pouco tempo e seu filho fazendo tratamento nefrológico e havia acabado de passar por uma biópsia renal. Quando tudo parecia difícil, foi chamada para trabalhar na Prefeitura, graças a um concurso que havia prestado há três anos, uma solução que somente Deus podia dar em sua vida.

Grávida de cinco meses, seu marido foi



*O resultado foi um mosaico de olhares sensíveis, criativos e críticos a respeito do mundo em que vivem, do outro e de suas experiências*

efetivado em seu emprego e começaram a trabalhar para melhorar sua casa, pois das dificuldades que tiveram que enfrentar, conseguiram alcançar seu objetivo e agora estar bem com a vida.

Consideramos Eliana uma grande heroína, pois hoje ela tem o seu próprio lar, sua família e com muitas lutas e dificuldades, hoje é uma heroína – *Jussara Ribeiro de Souza, Juliana Aparecida Martins Lemos, Talita Menezes Nascimento, Nádia Gaspar dos Santos, Estephany Martins Lemos, Sheila Duarte Crucci, Profª Estela Aparecida Gomes, EMEF Padre Batista.*

Nos dois perfis iniciais, nota-se a intenção de contar a história da profissional de saúde e do morador do conjunto habitacional, tendo-se em ambos os casos o cuidado de inseri-los em seu contexto social. Do ponto de vista textual, o primeiro revela a captação dos co-atores da narrativa do método jornada do herói (“E quem foi os aliados deles no movimento foi o PT, e o que não apoiava de jeito nenhum foi o seu Alcides, seu marido, que não gostava”).

O segundo perfil, do senhor Severino, revela a iniciativa de empregar recursos literários para a construção narrativa, no caso o uso de diálogo (“– Problemas, problemas todos os bairros pobres têm, não tem pontos de lazer para dar mais recursos para os moradores, são muito esquecidos, as pessoas que vêm para cá tiram um barato, acham que a Cohab é uma ilha desabitada”).

Já o terceiro texto, sobre a viúva nordestina, evidencia a etapa dos testes, obstáculos que vão sendo paulatinamente enfrentados pela protagonista. Da mesma forma que o sexto perfil, escrito sobre a inspetora de escola da Prefeitura, Eliana.

A quarta produção, sobre Edna Aurora de

Souza, ex-professora infantil e atual técnica de educação, narra a importância dos aliados, no caso os pais que a apoiaram, e como o aprendizado dessa lição faz com que queira ajudar os filhos a também encontrarem seu espaço social e a contribuírem com a sociedade.

Finalmente, na história de José Cecílio Irmão, o ex-funcionário da Nitro Química, aborda as etapas do chamado à aventura, da recusa, da vitória sobre as dificuldades de se trabalhar nessa empresa que captou muita mão-de-obra de migrantes nordestinos e ainda apresenta a recompensa. No caso, aposentadoria com lucidez para pensar nas possibilidades de melhorar as condições de lazer das pessoas.

### Conclusão

Desde o início do projeto, a Oficina de Comunicação e Expressão não tinha por objetivo ensinar os alunos a escrever. O que, naturalmente, seria impossível em apenas dez encontros. Afinal, a maioria dos participantes tinha limites significativos no domínio da linguagem escrita, como os textos acima comprovam.

Aliás, muitos participantes tinham noção dessa defasagem de letramento. “Não sei escrever”, “escrever é muito difícil”, “não consigo escrever bem”, “o texto dele(a) está muito melhor do que o meu” eram falas recorrentes nos encontros.

Não por acaso, um dos esforços da Oficina de Comunicação foi o de desconstruir essa auto-imagem negativa. Afinal, a cultura não se restringe à escrita, embora esta seja parte fundante da sociedade contemporânea. O alvo se situou em tornar esse ato prazeroso e lúdico, portanto, foi um desafio para liberar a criatividade desses jovens cheios de energia, boas idéias e determinação.

Além da redescoberta do prazer de escrever, o trabalho desenvolvido ao longo dessa ação educativa de comunicação visou permitir a expressão do modo próprio de ver dos jovens, do registro único da realidade que os cerca.

O resultado foi um mosaico de olhares sensíveis, bem humorados, criativos e críticos a respeito do mundo em que vivem, do outro e da experiência por que passaram. Como diz o psiquiatra colombiano Luis Carlos Restrepo, unir emoção e razão para dar espaço a um processo pedagógico plural e afetivo.

### Referências

- AMÉLIO, Ailton; Martinez, Monica. *Para viver um grande amor*. São Paulo: Gente, 2005.
- BOSI, Ecléa. *Cultura de massa, cultura popular: leituras operárias*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 3ª. edição, São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 1992.
- CRÍADO, Alex. “Repórteres pioneiras: resgate da trajetória de três jornalistas através da história oral”. Dissertação de Mestrado. São Paulo: ECA-USP, 2000.
- FENIANOS, Eduardo Emílio. *Expedições urbanauta: uma aventura radical*. São Paulo: Univer Cidade, 2002.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri: Manole, 2004.
- LIMA, Edvaldo Pereira et al. *Criatividade e novas metodologias*. São Paulo: Fundação Peirópolis, 1998.
- LUDUVIG, Monica Martinez. “Jornada do Herói: A Estrutura Narrativa Mítica na Construção de Histórias de Vida em Jornalismo”. Tese de Doutorado. São Paulo: ECA-USP, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *De los médios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonia*. Mexico: G. Gili, 1991.
- MEDINA, C. de Araújo. *Entrevista: o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1990.
- \_\_\_\_\_. *A arte de tecer o presente*. São Paulo: Summus Editorial, 2003.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.
- MITCHELL, Joseph. *O segredo de Joe Gould*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- PONCIANO, Levino. *São Paulo: 450 bairros, 450 anos*. São Paulo: Senac São Paulo, 2004.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação*. São Paulo: NCE - Núcleo de Comunicação e Educação da ECA-USP, 2004.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- Site**  
Textovivo: narrativas da vida real. Disponível em <http://www.textovivo.com.br>. Acessado em 12/5/2005.